Religare, ISSN: 19826605, v.14, n.2, dezembro de 2017, p. 248-251.

Dossiê Feitiçaria e Bruxaria: História e Práticas

Editorial

Johnni Langer[1]

Tema privilegiado dos estudos de História e Ciências Sociais, as feiticeiras e bruxas povoam o imaginário ocidental e somente agora começam a despertar interesse também no campo das Ciências das Religiões. O presente dossiê é uma tentativa inicial em abrir as possibilidades para os novos investigadores e da comunidade acadêmica em geral para as ricas fontes que o tema ainda pode despertar.

A feiticeira é uma figura misteriosa da literatura ocidental, presente desde a Antiguidade Clássica, com as personagens Circe e Medéia, passando por reapropriações no mundo latino com Dido e Canídia. Elas encarnavam as tensões, ideologias e crenças relacionadas com as práticas mágicas que os gregos haviam herdado do Oriente. Figuras que fascinavam, mas que nos relatos ficcionais também são perigosas, postas à margem da sociedade ou representando perigo aos protagonistas masculinos das narrativas. Mas a feiticeira da literatura foi apenas um pequeno reflexo social de práticas e rituais muito mais complexos, efetuados ao logo dos séculos por praticantes populares do campo e pela elite urbana, as vezes ambos cruzando as crenças sobre o mundo mágico (Candido, 2004; Ogden, 2004).

[1] Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Líder do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos – NEVE.

O medievo deu continuidade a certos elementos da literatura clássica, mas por outro lado deixou muito mais complexa a figura da feiticeira, especialmente em Morgana. Agora ela encarna práticas herdeiras de paganismos europeus que desapareceram no horizonte da cristianização, aspetos da magia popular e erudita de origem oriental (especialmente das tradições judaica e oriental), como de valores negativos advindo de uma demonologia e misoginia construída pelos teólogos da Igreja. Mas sem ser um reflexo fiel da realidade histórica, as feiticeiras da literatura medieval são representações que tornam coesa tanto as práticas mágicas quanto as ideologias que seus praticantes recebem neste período (Carneiro, 2006; Langer, 2009).

O movimento romântico vai resgatar novamente a figura da feiticeira, especialmente durante o século XIX. O livro *A feiticeira* de Jules Michelet (1862) apresenta as antigas bruxas medievais enquanto mulheres que resistiam heroicamente contra o poder clerical e a nobreza, uma imagem que vai perdurar e ter novo fôlego com o movimento feminista, o esoterismo e a Nova Era. A bruxaria se torna, ao olhar de Michelet, uma anti-religião e um movimento rebelde pautado na sobrevivência incólume do paganismo, influenciando a criação da Wicca e do neopaganismo (Camargo, 2017). Foi também no século XIX que teve início a sistematização e coleta de narrativas populares sobre as bruxas na Europa, ao mesmo tempo em que surgem os modernos contos de fadas – onde os estereótipos definitivos sobre as mulheres envolvidas com magia são cristalizados pela literatura: feia, malévola, rebelde, perseguida, discriminada (Gonçalves, 2011).

A partir da primeira metade do século XX iniciaram-se diversas pesquisas nas mais variadas perspectivas das ciências humanas em torno da figura da feiticeira e da bruxa medieval, especialmente entre os historiadores (Klaniczak, 2010). Podemos sintetizar genericamente esta historiografia em torno de três vertentes principais: Teoria romântica (A bruxaria foi uma resistência do paganismo em meio ao cristianismo medieval); Teoria racionalista (A bruxaria

foi uma construção mental, uma fantasia); Teoria culturalista (A bruxaria foi tanto um imaginário criado pelos inquisidores, intelectuais e religiosos, como um reflexo de crenças, mitos e folclores populares ressignificados pelos valores sociais da Idade Média Tardia).

O estudo das representações da feitiçaria, sua historicidade e suas ressignificações ocupam um lugar importante até mesmo na historiografia brasileira, com os clássicos *O diabo e a Terra de Santa Cruz* (1986), *Os excluídos do Reino* (2000) e *Bruxaria e História* (1991). Tema privilegiado também para discussões sobre História Cultural, como na principal obra de Carlo Ginzburg, *História Noturna,* um dos mais celebrados estudos sobre a perspectiva diacrônica da feitiçaria. Deste modo, as atuais investigações sobre o fenômeno da feitiçaria (entendendo esta enquanto as práticas e representações envolvendo procedimentos mágicos considerados positivos ou negativos pela sociedade) e a bruxaria (enquanto um fenômenos construído essencialmente no medievo e atrelado ao diabolismo e a heresia) estendem-se nas mais diversas áreas de investigação, objetos, períodos e abrangências teóricas e metodológicas.

Nosso atual dossiê da revista *Religare*, apesar de modesto, pretende contribuir para o avanço das discussões sobre a temática:

Ludmila Portela em seu artigo ***Malleus Maleficarum*: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média** investiga como o mais famoso manual de caça às bruxas realizou uma construção negativa sobre a natureza feminina, como uma resposta às tensões sociais desta época.

Andréa Caselli analisa como os contos populares perpetuaram antigas tradições, crenças e mitologias relacionadas com o mundo mágico, em seu estudo **Feitiçaria e resistência: representações pagãs no maravilhoso e no fantástico.**

Joyce Romero e María Ramírez em seu artigo **O perigo das águas: aspectos do feminino terrível em um conto de Galeano** discutem como o tema de feiticeira é ressignificado pela literatura contemporânea, especialmente atrelado ao arquétipo da Mãe terrível.

Amurabi Liveira e Felipe Boin analisam como a magia é percebida dentro do mundo moderno, especialmente com a popularização da Nova Era, em seu estudo **A pluralidade de experiências do sagrado nas sociedades contemporâneas.**

Esperamos que a leitura e divulgação deste dossiê possa contribuir para o futuro avanço dos estudos sobre feitiçaria e bruxaria em nosso país, especialmente no campo das Ciências das Religiões.

Uma excelente leitura a todos e agradecemos o prestígio para o nosso periódico.

Referências

CANDIDO, Maria Regina. *A feitiçaria na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.

CARNEIRO, Cristina Helena. *Bruxas e feiticeiras em novelas de cavalaria do ciclo arturiano: o reverso da figura feminina?* Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2006.

CARDOSO, Pamella Louise. *Romantismo, Paganismo e Bruxaria: a obra La Sorcière de Jules Michelet como precursora da Wicca, a Bruxaria Moderna*. Dissertação de Mestrado em História pela UEPG, 2017.

GABORIT, Lydia. As feiticeiras. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

GONÇALVES, Carla. *O estereótipo da bruxa nos contos populares e nos contos infantis.* Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade da Beira Interior, Portugal, 2011.

KLANICZAK, Gábor. A cultural history of witchcraft. *Magic, Ritual, and Witchcraft* 5 (2), 2010, pp. 188-212.

LANGER, Johnni. Galdr e feitiçaria nas sagas islandesas. *Brathair* 9 (1), 2009.

OGDEN, Daniel et al. *Bruxaria e magia na Europa*: Antiga Grécia e Roma. São Paulo: Madras, 2004.